

## **Negras imigrantes em São Paulo: deslocamento e acolhida**

### ***Immigrant black women in São Paulo: displacement and reception***

### ***Mujeres negras inmigrantes en São Paulo: desplazamiento y acogida***

Maria Cecília Leite de Moraes<sup>1</sup>  
Climene Laura de Camargo<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Pós-Doutora pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora do Grupo de Estudos da Criança e do Adolescente CRESCER da EFJUFBA. E-mail: [leimo7@hotmail.com](mailto:leimo7@hotmail.com),  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8717-6513>

<sup>2</sup> Pós-Doutora pela Universidade René Descartes, Paris V, Sorbonne. Doutora em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP). Professora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA), coordenadora e pesquisadora do Grupo de Estudos da Criança e do Adolescente CRESCER da EFJUFBA. E-mail: [climenecamargo@hotmail.com](mailto:climenecamargo@hotmail.com),  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4880-3916>

**Resumo:** Novos deslocamentos humanos trazem reformulações populacionais. As mulheres negras participam do processo transferindo-se de seus países de origem em busca de um futuro melhor. Neste contexto, este artigo objetivou conhecer os motivos que trouxeram o grupo para São Paulo, Brasil. Tratou-se de um estudo descritivo, quantitativo-qualitativo, com delineamento transversal, no qual foram entrevistadas 33 mulheres negras imigrantes. Foi elaborado um roteiro para a caracterização sociodemográfica e questões sobre os motivos da vinda e a receptividade local. Os dados foram analisados a partir do Discurso do Sujeito Coletivo. Os relatos mostraram que as questões econômicas (21,3%), guerras (15,3%) e violência (12,0%) alavancaram a vinda do grupo. Quanto à receptividade, as narrativas destacam a discriminação em função do racismo (45,5%), enquanto 42% percebem-se acolhidas. Os discursos indicaram a necessidade da organização de uma agenda para a recepção e inclusão de grupos migratórios específicos. Ressalta-se que a presença do imigrante reconfigura e contribui para o desenvolvimento da sociedade.

**Palavras-chave:** mulheres negras; racismo; inclusão; migração.

**Abstract:** New human displacements bring population reformulations. Black women participate in the process by moving from their countries of origin in search of a better future. In this context, this article aimed to know the reasons that brought the group to São Paulo, Brazil. This was a descriptive, quantitative-qualitative, cross-sectional study, where 33 immigrant black women were interviewed. A script was prepared for the socio-demographic characterization and questions about the reasons for coming and the local receptivity. Data were analyzed from the Collective Subject Discourse. The reports showed that economic issues (21.3%), wars (15.3%) and violence (12.0%) leveraged the group's arrival. As for receptivity, the narratives highlight discrimination due to racism (45.5%) while 42% feel welcomed. The speeches indicated the need to organize an agenda for the reception and inclusion of specific migratory groups. It is noteworthy that the presence of the immigrant reconfigures and contributes to the development of society.

**Keywords:** black women; racism; inclusion; migration.

**Resumen:** Los nuevos desplazamientos humanos traen consigo reformulaciones poblacionales. Las mujeres negras participan en el proceso mudándose de sus países de origen en busca de un futuro mejor. En este contexto, este artículo tuvo como objetivo conocer las razones que llevaron al grupo a São Paulo, Brasil. Se trata de un estudio descriptivo, cuantitativo-cualitativo, transversal, en el que se entrevistó a 33 mujeres negras inmigrantes. Se elaboró un guion para la caracterización sociodemográfica y preguntas sobre los motivos de la llegada y la receptividad local. Los datos fueron analizados del Discurso del Sujeto Colectivo. Los informes mostraron que cuestiones económicas (21,3%), guerras (15,3%) y violencia (12,0%) apalancaron la llegada del grupo. En cuanto a la receptividad, las narrativas destacan la discriminación por racismo (45,5%), mientras que el 42% se siente bienvenido. Los discursos señalaron la necesidad de organizar una agenda para la recepción e inclusión de grupos migratorios específicos. Es de destacar que la presencia del inmigrante reconfigura y contribuye al desarrollo de la sociedad.

**Palabras clave:** mujeres negras; racismo; inclusión; migración.

## 1 INTRODUÇÃO

Os deslocamentos humanos marcam as sociedades desde os primórdios dos tempos. Contemporaneamente, os movimentos migratórios internacionais vêm resgatando maior potência e alcançando mais visibilidade. São processos complexos que contribuem, de maneira contundente, para os novos desenhos populacionais. Neste contexto, as mulheres assumem um papel crucial pela representatividade.

A feminização ou genderização da mobilidade humana é uma tendência mundial. Vale lembrar que, na primeira década do século XXI, as mulheres já representavam 50% da imigração internacional. Mesmo diante dos números, existem poucas investigações sobre o tema.

Acrescenta-se que, apesar do vigor dos estudos migratórios nos últimos anos, são escassos aqueles que abordam o assunto sob uma perspectiva étnico-racial. Entretanto, mais recentemente, distingue-se a existência de pesquisas de mobilidade elaboradas a partir de perspectivas interculturais.

A incorporação do imigrante, com toda a sua bagagem, não é um processo simétrico, igualitário e justo. Inclui e exclui indivíduos de acordo com o juízo de valor da “população recebedora”. Abre-se um adendo para destacar que a terminologia migrante é utilizada para indivíduos provenientes de países da periferia europeia, africanos ou sul-americanos, com *status* profissional indiferenciado; designação que comporta uma carga negativa. Já a palavra *estrangeiro* define indivíduos de países desenvolvidos, portadores de uma situação social e profissional relevante.

Ainda, no que diz respeito aos povos em situação de mobilidade, citam-se os refugiados. São indivíduos obrigados a atravessar fronteiras internacionais e/ou impedidos de retornar a seu país de origem, devido a perseguições e ameaças à vida provocadas por questões religiosas, raciais, opinião e/ou posição política. Para essa população, existe uma legislação específica contemplada no Estatuto dos Refugiados do Brasil (Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017).

Entre muitos nacionais, a presença do imigrante tem uma forte representação negativa, e esses indivíduos enfrentam a discriminação e o racismo. A rejeição atinge, principalmente, os negros e oriundos de países pobres.

O Brasil tem sido, histórica e tradicionalmente, um país constituído por imigrantes das mais diferentes origens. Esta condição contribui para que o território seja reconhecido como um lugar carimbado pela receptividade; a cordialidade do brasileiro reverbera mundialmente. A distinção convida imigrantes de países vulneráveis e menos desenvolvidos a recomeçarem a partir daqui. Todavia, existe uma realidade cheia de preconceitos latentes e vigorosos, marcadamente no tocante aos negros.

A vinda dos primeiros africanos aconteceu na época da escravidão e, como resquício desse tempo, a cor de pele escura repercute como sinal de inferioridade. Como consequência, o sistema de hierarquização brasileiro associa cor da pele com *status* social e classe, compreendida no aspecto sociopolítico como categoria de dominação e exclusão. Ainda hoje, muitos tendem a enxergar os imigrantes negros com preconceito e medo.

Em relação às mulheres, os preconceitos existem desde épocas mais remotas e estão cristalizados. Ainda atualmente, elas são observadas como inferiores em relação aos homens, em uma sociedade na qual predomina um forte patriarcado.

Corroborando o supramencionado, depreende-se que ser mulher, negra e imigrante potencializa a situação de preconceito e discriminação.

Ao considerar os referidos aspectos, vale ressaltar que mulheres negras imigrantes contribuem para a formação da sociedade, de modo que se torna pertinente conhecer o grupo a partir dos motivos que as trouxeram ao Brasil, bem como suas percepções sobre o acolhimento recebido.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Este artigo foi elaborado a partir das respostas obtidas de duas questões da pesquisa “Desvelando aspectos das condições de vida de mulheres negras imigrantes”.

Tratou-se de um estudo descritivo, quantiquantitativo, com delineamento transversal. As entrevistas aconteceram em seis diferentes instituições: quatro estabelecimentos confessionais, uma organização não governamental e uma ocupação de moradores sem-teto. Todos esses estabelecimentos estão localizados no município de São Paulo.

Participaram do estudo 33 mulheres negras e imigrantes, maiores de 18 anos. Todas compreendiam e falavam a língua portuguesa. A seleção foi feita a partir de critérios subjetivos, ou seja, convenientes para o pesquisador (FONTANELLA *et al.*, 2011).

Para a obtenção dos dados, foi formulado um roteiro de entrevista semiestruturado, composto por duas partes: inquérito sobre o perfil sociodemográfico das participantes e questões relacionadas às experiências de vida e imigração dessas mulheres. As entrevistas foram gravadas para transcrição. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), com o parecer número 2518235. A coleta de dados ocorreu entre os meses de outubro de 2017 e agosto de 2018.

Para a análise dos dados, foi utilizada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFEVRE; LEFEVRE, 2006). Trata-se de uma técnica de coleta, tabulação e organização de dados qualitativos, embasados na Teoria da Representação Social (LEFEVRE; LEFEVRE, 2003). As respostas são agrupadas de acordo com as ideias centrais (IC), as quais alicerçam as expressões-chave (ECH), narradas pelos respondentes. A soma das ECH origina os DSC. Os discursos são escritos na primeira ou terceira pessoa do singular, permitindo a representação de todos os participantes.

### **3 RESULTADOS**

O grupo de entrevistadas foi constituído por 33 mulheres, com idades entre 19 e 38 anos. As entrevistadas eram oriundas de Angola (69,7%), Haiti (15,2%), Congo (9,1%) e Costa do Marfim (6,1%).

Os motivos à imigração de mulheres negras para o Brasil produziram 11 ideias centrais, que se encontram destacadas na tabela abaixo (Tabela1).

Tabela 1 – Número e porcentagem das ideias centrais encontradas nas respostas sobre o motivo da imigração de mulheres negras para o Brasil

<b>Categorias</b>	<b>N.</b>	<b>%</b>
A. Questões econômicas	7	21,3
B. Guerras	5	15,2
C. Violência	4	12,1
D. Aventura	4	12,1
E. Problemas familiares	3	9,1
F. Estudo e religião	3	9,1
G. Questões políticas	2	6,1
H. Saúde	1	3,0
I. Decisão familiar	1	3,0
J. Estudo	1	3,0
K. Reunificação familiar	1	3,0
Não respondeu	1	3,0
<b>TOTAL</b>	<b>33</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Mulheres negras imigrantes entrevistadas para o estudo. São Paulo, 2019.

Um número significativo de mulheres negras imigrou para o Brasil em função de questões econômicas (21,3%). Outras imigrantes citaram guerras (15,2%), violência (12,1%) e aventura (12,1%). As motivações ligadas à educação também emergiram como opção à escolha pelo país.

No que se refere à receptividade no país, foram identificadas cinco ideias centrais, que estão descritas na Tabela 2.

Tabela 2 – Número e porcentagem das ideias centrais encontradas nas respostas sobre a receptividade local

<b>Categorias</b>	<b>N.</b>	<b>%</b>
A. Sente-se discriminada em função do racismo	15	45,5
B. Sente-se acolhida	14	42,4
C. Não se sente acolhida	1	3,0
D. Sente que é tolerada	1	3,0
E. Evasiva	2	6,1
<b>TOTAL</b>	<b>33</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Mulheres negras imigrantes entrevistadas para o estudo. São Paulo, 2019.

Os números de respostas “discriminada em função do racismo” (45,5%) e “sente-se acolhida” (42,2%) são bastante próximos, aspecto que identifica a ambiguidade existente no país no que se refere ao “diferente”. Distingue-se, também, um número significativo de respostas que indicam receptividade não acolhedora, pontuando um importante índice de rejeição.

## **4 DISCUSSÃO**

### **4.1 Motivos para a migração**

Entender os motivos que trouxeram as imigrantes para o Brasil é relevante, pois mostra os perfis que tecem os quadros migratórios na contemporaneidade (PERES; BAENINGER, 2012) e apresenta aspectos da composição populacional da sociedade. As medidas restritivas atuais, em países da Europa e dos Estados Unidos, têm contribuído para que o Brasil seja o país escolhido (FRANCO, 2016).

As respostas realçaram que as mulheres negras imigrantes procuram um “bem viver” (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017). Buscam oportunidades para serem felizes e produtivas: trabalhar, estudar, juntar-se à família, ter paz e viver de acordo com os seus preceitos.

### **4.2 Categoria A: Questões econômicas**

**DSC:** *“Vim porque o emprego estava duro, estava muito difícil na minha terra. O país aqui estava numa fase boa, me disseram que eu podia trabalhar. Daí a gente chegou aqui para trocar, para mudar. Para conseguir fazer dinheiro e ajudar a família também. Vim para ter uma vida melhor”.*

A situação econômica é o mais potente determinante para a migração internacional, fato que se confirma ao longo da história mundial (MORAES; CAMARGO, 2021). O deslocamento acontece em função da busca por melhores condições de vida; fato que demanda o confronto entre as conjunturas dos países de origem e destino (OLIVEIRA, 2015). Destaca-se que a estabilidade econômica já foi um importante atrativo à imigração para o Brasil (FRACALLOSSI; RAMOS, 2014). No tocante aos aspectos de gênero

em imigração, distingue-se que as mulheres se encontram em pior posição econômica (VILELA; COLLARES; NORONHA, 2015).

### 4.3 Categoria B: Guerra

**DSC:** *“Eu vim porque lá estava em guerra civil e daí meu pai tirou a gente de lá. Não estava bom, não tinha condições”.*

Estudo aponta que as guerras são vigorosos indutores à mobilidade humana (DIAS; GONÇALVES, 2007). Os conflitos civis, étnicos e religiosos originam um estado beligerante e acabam por expulsar os nativos. Os discursos ilustraram a imigração associada à proteção da família e à própria sobrevivência (OLIVEIRA, 2015). As guerras civis em países africanos têm sido uma constante. Destarte, a saída da guerra tornou-se a porta para a vida.

### 4.4 Categoria C: Violência

**DSC:** *“Eu fugi e deixei meus filhos, porque não tinha dinheiro para levar eles comigo. Eu fugi dos bandidos! Me assaltaram! Entraram na minha casa à noite, me estupraram, levaram tudo! Eu reconheci um deles e aí eles me avisaram: se você for na polícia, nós vamos te matar. Passei a ser perseguida! As coisas ficaram difíceis! Aí eu fugi do meu país!”.*

O fator violência é um mote à migração feminina. Tal experiência pode acontecer tanto dentro das famílias como nas comunidades que circundam os indivíduos, potencializando a movimentação de pessoas (DUTRA, 2013). Compete ressaltar que o estupro, não raro, é utilizado como uma arma de guerra (SCHWINN; COSTA, 2016). A dominação e o poder exercidos por ações tão violentas instauram o medo e, muitas vezes, o silenciamento do sujeito. Deixar tudo para trás, inclusive os filhos, não é uma situação incomum.

### 4.5 Categoria D: Aventura

**DSC:** *“Queria começar a viajar para outros países. Sempre via o Brasil na televisão e achava bonito. Gosto do Brasil, eu gostaria de ter nascido aqui, eu queria muito vir para cá. Aí eu resolvi sair, foi um momento de pegar ou largar e vir embora”.*

As vivências migratórias entre as mulheres apresentam peculiaridades associadas ao próprio gênero, histórico de vida e faixa etária (NEVES *et al.*, 2016). O discurso evidencia que as mulheres vêm ganhando, cada vez mais, autonomia para suas escolhas de vida; distinguindo que nem sempre a mobilidade está relacionada a questões expulsórias, como problemas políticos e melhora da condição de vida. São experiências movidas pela atração e curiosidade do país de destino; são motivos alimentados pela descoberta de novas formas de viver (SOARES, 2002).

#### **4.6 Categoria E: Problemas familiares**

**DSC:** *“Vim por problemas familiares... Foi meu padrasto, meu avô, minha tia, foram questões familiares. Não gosto de contar muito esta estória. Vim para ficar distante da família”.*

Constantemente, a migração acontece quando existem problemas familiares, tornando-se instrumento para reconfiguração da vida do sujeito dentro e fora deste núcleo (CLIGGETT, 2013, p. 115). A oportunidade de deixar a tutela e a violência masculina e/ou familiar para trás alavanca a ação de migrar. Os deslocamentos costurados pelo ideal de estar fora dos fulcros de parentescos difíceis compõem para que questões sociais sejam suplantadas e novas relações construídas (RIBEIRO, 2016).

#### **4.7 Categoria F: Estudo e religião**

**DSC:** *“Sempre quis fazer a faculdade em um país de fora e que fosse uma faculdade da minha religião. Estava com problemas e meu coração ficava apertado... Eu não queria ter problemas... Fui entrando em contato com vários lugares, mas não tinha idealizado. De repente eu tive essa opção de poder vir estudar no Brasil”.*

O trânsito religioso é uma temática significativa nas imigrações para o Brasil. Denominações doutrinárias tradicionais aqui se implantaram, juntamente a um sistema de educação compatível com os dogmas da fé professada. Instituiu-se, assim, uma relação entre mobilidade geográfica e mobilidade cultural-religiosa (MARINUCCI, 2011). Pontua-se que as questões religiosas integram um tema profundo, privado e potente na vida

das mulheres. Diante disso, compreende-se que estudar em condições harmonizadas com as necessidades pessoais é uma valorosa justificativa à imigração (SCHWINN; COSTA, 2016).

#### 4.8 Categoria G: Questões políticas

**DSC:** *“Vim por refúgio, eu e minha família. No meu país aconteceram muitas coisas... questões políticas. A perseguição fez a gente sair correndo”.*

Um número significativo de deslocamentos ocorre em função de problemas de ordem política (MARTIN; GOLDBERG; SILVEIRA, 2018). São confrontos que resultam tanto em mobilização como imobilização dos sujeitos (VAINER, 2016). Assim, muitos são forçados a mudar para salvaguardar suas existências, bem como de suas famílias: são os refugiados (PEREIRA; SOUZA, 2017). O constructo tem sido um forte pretexto para a mobilização de indivíduos oriundos de diversos países africanos (RAIMUNDO, 2011).

#### 4.9 Categoria H: Saúde

**DSC** *“Minha gravidez não estava boa. O médico fez os papéis”.*

A Declaração Universal dos Direitos Humanos prevê a atenção à saúde para todos os indivíduos (LALANE, 2018). Convém salientar que muitos recursos de saúde inexistem ou não estão disponíveis em todos os países. Assim, a possibilidade do cuidado é um vigoroso motivo para a imigração (GARCIA JESKE; LOPES SPAREMBERGER, 2016). No Brasil, um dos pilares do Sistema Único de Saúde (SUS) é o princípio da universalidade. Tal concepção contempla todos os cidadãos, incluso os estrangeiros (BARBOSA *et al.*, 2016).

#### 4.10 Categoria I: Decisão familiar

**DSC:** *“Não fui eu que escolhi, foi meu pai e aí... E eu nunca perguntei por que ele escolheu o Brasil”.*

O projeto familiar é um eixo da mobilidade humana desde os primórdios dos tempos. O patriarca, em muitas culturas, detém o dever e o direito dos cuidados, fortalecendo o respeito de sua escolha (SILVA; SOUZA,

2015). Também, a obediência às normas e regras são atributos comuns em sistemas familiares, contribuindo para que a seleção do novo local para viver seja aceita como confiável (SANTOS *et al.*, 2010). O percurso migratório de mulheres acompanhadas de suas famílias de origem tem forte relação com seus estágios de vida, expondo o grau de dependência do indivíduo com seu grupo (PERES; BAENINGER, 2012).

#### **4.11 Categoria J: Estudo**

**DSC:** *“Estou aqui há 5 anos. Cheguei para me formar. Fiz o ensino superior e acabei ficando na possibilidade de tentar o mestrado”.*

Contemporaneamente, a movimentação humana motivada por estudo cresce de maneira significativa, e os intercâmbios internacionais incrementam as possibilidades (OJIMA *et al.*, 2014). O desejo de conhecer novas culturas e enriquecer a vida acadêmica contribui para que os estudantes deixem seus países de origem para desfrutar as oportunidades (COSTA; SILVA, 2017). Eles chegam com objetivos de acessarem melhores níveis de educação e expectativas de um futuro melhor (PAES, 2012).

#### **4.12 Categoria K: Reunificação familiar**

**DSC:** *“Meu marido é daqui”.*

Entre as motivações que encorajam a movimentação humana, encontram-se aquelas associadas à reunificação familiar, reconhecida como um dos grandes argumentos à imigração mundial (RAMOS, 2009). Parte das mulheres imigra para reunir-se com os parentes. Nesta categoria, enquadra-se a nupcialidade, ideia associada à reconstrução do percurso da vida em outro lugar (PERES; BAENINGER, 2012).

#### **4.13 Não respondeu**

Uma das participantes não respondeu à questão relacionada à motivação para imigrar. Cabe ressaltar que o silêncio é uma potente forma de comunicação, é responder de outra maneira. O não dito tem um sentido para o entrevistado, é o silêncio significante, que enuncia, expressa um

momento (ORLANDI, 2007, p. 12). Pode estar associado ao medo, à violência, à coerção. Mas também pode ilustrar afetos, como lembranças de lugares e pessoas, a saudade. O silêncio é invisível e desaparece entre as narrativas (ORLANDI, 2007, p. 34).

## 5 RECEPTIVIDADE NO PAÍS

Em primeiro lugar, evidencia-se que são raras as medidas restritivas relacionadas à chegada de estrangeiros ao Brasil (BÓGUS; FABIANO, 2015). Ao mesmo tempo, menciona-se a destacada opressão social relacionada a grupos não hegemônicos, ou seja, não brancos (MOORE, 2007). Em razão dessa realidade, distingue-se como relevante conhecer como o país recebe as imigrantes negras, considerando que o acolhimento traz repercussões à vida do indivíduo.

### 5.1 Categoria A: Sente-se discriminada em função do racismo

**DSC:** *“Não é fácil! Há um estranhamento... O problema é que a gente é negra da pele escura e também há a xenofobia. Isso é muito forte! A pessoa deixa você entrar no país e aí... não te recebem bem, não te tratam bem. Na rua... não te conhecem, mas olham com diferença, desconfiados. Quando você procura emprego, eles te separam. Olha só... a dona de uma creche que me contratou para ajudar no cuidado com as crianças me fez trabalhar durante a reforma do lugar... eu tinha que levar pacotes de piso para o andar superior, uma colega ficou com pena, veio me ajudar e desmaiou! Na escola, quando estudamos, sempre ficamos por último quando formam grupo, como se não fôssemos inteligentes. No ônibus, no metrô, você vai sentar e as pessoas se levantam, te empurram. Nós somos maltratadas. Xingam a gente, xingam nossos filhos de macaco. O que faz a gente ficar aqui é nosso objetivo. São racistas mesmo! É muito racismo, muita discriminação, é muito triste”.*

Um dos grandes desafios enfrentados por imigrantes é a discriminação (RAMOS, 2017). As diferenças étnicas, de cor e o capital social do viajante acentuam o julgamento e desencadeiam fortes atitudes segregacionistas

(VILELA; COLLARES; NORONHA, 2015). Em várias coletividades, admite-se que as pessoas de pele escura são inferiores e que toda a desvantagem que as envolve é pertinente (ZAMORA, 2012). No Brasil, a superioridade de pessoas brancas em relação a outros grupos étnicos configura-se como força social e econômica. Tais concepções modulam parte da sociedade (BASTOS; FAERSTEIN, 2012, p. 14).

O constructo brasileiro associa-se ao fato de que a vinda dos primeiros africanos aconteceu na época da escravidão; neste processo de exploração do povo negro, corporifica-se o racismo brasileiro. E, mesmo no período pós-abolição, patenteou-se, no julgamento da população brasileira, a crença do negro como ser subalterno e inferior (MONSMA, 2010).

Entre os imigrantes, fica manifesta a forte desigualdade existente entre o país nativo e de destino (OLIVEIRA, 2015). Tal perspectiva destaca que uma fatia da população tende a perceber os imigrantes negros como uma ameaça; observados como marginais que perturbam a ordem vigente (OLIVEIRA, 2015).

## **5.2 Categoria B: Sente-se acolhida**

**DSC:** *“Gostei muito do jeito que me receberam aqui no Brasil. Encontrei muitas pessoas boas, carinhosas e simpáticas. Estava com um filho na barriga, ganhei o filho aqui. Os brasileiros cuidam bem das pessoas, sou muito bem tratada! Não vejo muita diferença entre nós e os brasileiros. O Brasil é bom!”.*

O Brasil, desde os períodos colonial e pós-colonial, é um país formado de imigrantes das mais diversas nações (GRANADA *et al.*, 2017). Este fato contribui para que o país seja identificado como um lugar hospitaleiro para turistas e imigrantes (GODOI; NOVO, 2016, p. 163). A referência atrai indivíduos “de nações em risco” para um recomeço de vida. Contudo, reconhece-se que existe uma realidade de preconceitos (KILSZTAJN *et al.*, 2005). Importantes autores discutiram a falsa cordialidade racial brasileira (SANTOS, 2016).

Tal constatação mostra uma forte negação do segregacionismo e do racismo nos grupos étnicos dominantes, os quais representam, vigorosamente,

a sociedade brasileira. Parte dos migrantes incorpora *esta verdade*, apropria-se do discurso e da ideia da igualdade racial no Brasil (SIMAI; BAENINGER, 2012).

### 5.3 Categoria C: Não se sente acolhida

**DSC:** “*Você não cabe aqui, não pode ficar aqui!*”.

O discurso confirma a expectativa de muitos nacionais, de que os imigrantes se mantenham em seus lugares como subordinados e não se contraponham ao controle exercido pelo grupo dominante (ZAMORA, 2012). Entende-se que a cultura, a aparência e o *status* econômico contribuem para distanciar os nacionais e os migrantes (VILELA; COLLARES; NORONHA, 2015). Ainda neste contexto, infere-se que o acolher pode ser um fator de interação, já que implica compartilhar dúvidas, angústias, experiências e saberes. Abrigar outros pode facilitar a autonomia e a inclusão social (OLIVEIRA; MORAES, 2017).

### 5.4 Categoria D: Sente que é tolerada

**DSC:** “*Me tratam bem... Falam bom dia, nada mais do que isso*”.

Parte da sociedade brasileira apresenta uma postura conservadora em relação aos imigrantes, principalmente aos provenientes de países sub-desenvolvidos. Não obstante, a convivência é marcada por uma *tolerância* que concorre para que o ingresso no país seja constante (LIMA; SILVA, 2017). O indivíduo não é sujeitificado, acha-se observado apenas como um ser trabalhador (CÉSARO; ZANINI, 2015), que compõe com o cenário.

### 5.5 Categoria E: Evasiva

**DSC:** “*Não sei... não sei se bem ou mal, não sei nada... não estou bem aqui*”.

O vazio do discurso expressa um desconforto, já que a saída do lugar de origem é um exílio, um desenraizamento. Ser estrangeiro é ser natural no seu país de origem, significa não ser natural no país que habita, é ser não cidadão (SEYFERTH, 2008). Faz aflorar as perdas e o sentimento de não pertencimento (COLFERAI, 2014).

## 6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os depoimentos ressaltaram que as situações difíceis trouxeram mulheres negras para o Brasil. Dentre as circunstâncias, destacaram-se os problemas econômicos, as guerras e a violência. Os estudos também foram mencionados, fator que evidencia o trânsito cultural presente na atualidade.

No que tange à receptividade dos brasileiros, as imigrantes evidenciaram duas experiências contrastantes: aceitação e rejeição. As narrativas mostram a forte discrepância e divisão presentes no país.

A rejeição esteve associada, de maneira pujante, à existência do racismo. Com certeza, o fator racismo abre um leque de questões para serem discutidas. Ainda nesse sentido, é mister a elaboração de ações voltadas para a redução de danos. A readequação da sociedade é crucial para alavancar o processo de inclusão.

Torna-se essencial a adoção de políticas relacionadas ao desenvolvimento humano para que o indivíduo se reorganize e possa alcançar o bem viver.

Os discursos indicaram a necessidade da organização de uma agenda para a recepção e inclusão de grupos migratórios específicos. Ressalta-se que a presença do imigrante reconfigura e contribui para o desenvolvimento da sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Curitiba, v. 40, p. 231-51, 2017.

BARBOSA, M. L.; CELINO, S. D. M.; CARNEIRO, A. G.; COSTA, G. M. C. Assistência à saúde prestada pelo SUS: a experiência de estudantes estrangeiros. *Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, 2016.

BASTOS, J. L.; FAERSTEIN, E. *Discriminação e saúde: perspectivas e métodos*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012.

BÓGUS, L. M. M.; FABIANO, M. L. A. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. *Ponto & Vírgula*

– Revista de Ciências Sociais, São Paulo, n. 18, p. 126-45, 2015.

BRASIL. *Lei n. 13.445*, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. Brasília, DF: Presidência da República; Secretaria-Geral; Subchefia para assuntos jurídicos. 24 maio 2017. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Lei/L13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13445.htm). Acesso em: 30 ago. 2021.

CÉSARO, F. S.; ZANINI, M. C. C. Cultura, cidadania e segurança: um debate acerca da imigração no mundo contemporâneo. *Relações Internacionais no Mundo Atual*, Curitiba, v. 1, n. 18, p. 38-71, 2015.

CLIGGETT, L. Componentes sociais da migração: experiências da Província Sul, Zâmbia. *História – Questões e Debates*, Curitiba, v. 58, n. 1, p. 115-42, 2013.

COLFERAI, S. A. Imigração e identidade cultural: a representação de uma identidade preferencial no interior de Rondônia. *Revista Labirinto*, Rondônia, v. 13, p. 102-19, 2014.

COSTA, T. R. C.; SILVA, S. K. M. A migração internacional motivada por questões educacionais: o caso do PAEC na Unifap. *Revista GeoPantanal*, Corumbá, v. 12, p. 171-84, 2017.

DE MORAES, M. C. L.; DE CAMARGO, C. L. Um recorte do perfil demográfico de mulheres negras imigrantes, que residem em São Paulo. *PRACS – Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da Unifap*, Macapá, v. 14, n. 1, p. 183-92, 2021.

DIAS, S.; GONÇALVES, A. Migração e saúde. *Revista Migrações*, Lisboa, v. 1, n. 6, p. 15-26, 2007.

SANTOS, M. A.; BARBIERI, A. F.; DE CARVALHO, J. A. M.; MACHADO, C. J. Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias. *Texto para discussão*, v. 1, n. 138, p. 1, 2010.

DUTRA, D. Mulheres, migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 21, n. 40, p. 177-93, 2013.

FONTANELLA, B. J. B.; LUCHESI, B. M.; SAIDEL, M. G. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R.; MELO, D. G. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 388-94, 2011.

FRACALLOSSI, C.; RAMOS, M. C. *O Brasil na rota da imigração e da mobilidade... The overarching issues of the european space: the territorial diversity of opportunities in a scenario of crisis*. Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto, p. 194-214, 2014.

FRANCO, S. V. Migrações forçadas: um estudo acerca do refúgio na atualidade. *Revista Direitos, Trabalho e Política Social*, Cuiabá, v. 2, n. 2, p. 69-85, 2016.

GARCIA JESKE, T.; LOPES SPAREMBERGER, R. F. *Políticas públicas e sociais: um debate acerca da universalidade do Sistema Único de Saúde (SUS) diante dos imigrantes no Brasil*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 13., 2016, Santa Cruz. *Anais eletrônicos [...]*. Santa Cruz: Universidade de Santa Cruz do Sul [UNISC], 2016.

GODOI, B. F.; NOVO, N. L. O fluxo migratório de haitianos para o Brasil de 2009 a 2014. *UNILUS Ensino e Pesquisa*, São Paulo, v. 13, n. 30, p. 163, 2016.

GRANADA, D.; CARRENO, I.; RAMOS, N.; RAMOS, M. D. C. P. Discutir saúde e imigração no contexto atual de intensa mobilidade humana. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 21, n. 61, p. 285-96, 2017.

KILSZTAIN, S.; CARMO, M. S. N. D.; SUGAHARA, G. T. L.; LOPES, E. D. S.; PETROHILOS, S. S. Concentração e distribuição do rendimento por raça no Brasil. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 367-84, maio/ago. 2005.

LALANE, J. B. *Avaliação do acesso pelos estrangeiros Haitianos ao Sistema Único de Saúde nas cidades de Foz do Iguaçu e Belo Horizonte*. 2018. Graduação (Monografia em Saúde Coletiva)- Universidade Federal de Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, PR, Brasil.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. O sujeito coletivo que fala. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 10, n. 20, p. 517-24, 2006.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa; desdobramentos*. Porto Alegre: EDUCS, 2003.

LIMA, S. S.; SILVA, L. M. M. Os imigrantes no Brasil, sua vulnerabilidade e o princípio da igualdade. *Revista Brasileira de Políticas Públicas*, Brasília, v. 7, n. 2, p. 384-403, 2017.

MARINUCCI, R. Reconfiguração da identidade religiosa em contexto migratório. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 26, n. 42, p. 169-91, jan./jun. 2011.

MARTIN, D.; GOLDBERG, A.; SILVEIRA, C. Imigração, refúgio e saúde: perspectivas de análise sociocultural. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 26-36, 2018.

MONSMA, K. Vantagens de imigrantes e desvantagens de negros: emprego, propriedade, estrutura familiar e alfabetização depois da abolição no oeste paulista. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 53, n. 3, p. 509-43, 2010.

MOORE, C. *Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

NEVES, A. S. A. D.; NOGUEIRA, M. D. C. O. C.; TOPA, J. B.; SILVA, E. G. Mulheres imigrantes em Portugal: uma análise de gênero. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 33, n. 4, p. 723-33, 2016.

OJIMA, R.; AGUIRRE, M. A. C.; DA SILVA, B. L.; DE MENDONÇA LIMA, W. Migrações internacionais motivadas por estudo: uma análise sociodemográfica dos estudantes estrangeiros radicados no Brasil. *PerCursos*, Florianópolis, v. 15. n. 28, p. 166-89, 2014.

OLIVEIRA, A. T. R. Os invasores: as ameaças que representam as migrações subsaariana na Espanha e haitiana no Brasil. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 23, n. 44, p. 135-55, 2015.

OLIVEIRA, R. C.; MORAES, M. C. L. O que pensam os profissionais da estratégia saúde da família sobre o acolhimento. *Revista Saúde.com*, Jequié, v. 13, n. 3, p. 965-71, 2017.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PAES, V. G. Trânsitos fronteiriços: as faces contemporâneas do deslocamento populacional boliviano com base nas narrativas dos pesquisadores dos estudos migratórios. *Cadernos CERU*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 217-36, 2012.

PEREIRA, K. R. W.; SOUZA, F. Z. D. Diáspora, exílio e memória nas literaturas africanas em Língua Portuguesa. *Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social*, Assis, v. 19, p. 283-302, 2017.

PERES, R. G.; BAENINGER, R. *Migração Feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 18., 2012, Águas de Lindóia. *Anais [...]*. Águas de Lindóia: ABEP, 2012. p. 1-16.

RAIMUNDO, I. M. Causas, consequências e padrões da migração internacional de Moçambique: questões emergentes no espaço da lusofonia. *Revista internacional em Língua Portuguesa*, Lisboa, n. 24, p. 187, 2011.

RAMOS, N. Comunicação em saúde, interculturalidade e competências: desafios para melhor comunicar e intervir na diversidade cultural em saúde. In: Rangel, M. L.; Ramos, N. (Org.). *Comunicação e saúde: perspectivas contemporâneas*. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 149-72.

RAMOS, N. Saúde, migração e direitos humanos. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, São Bernardo do Campo, v. 17, n. 1, p. 1-11, jan./jun, 2009.

RIBEIRO, C. L. A feminização como tendência da migração boliviana para São Paulo. *Travessia - Revista do Migrante*, São Paulo, n. 78, p. 101-20, 2016.

SANTOS, A. A. *João da Cruz e Souza e outras narrativas sobre o racismo brasileiro*. 2016. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares)- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2016.

SCHWINN, S. A.; COSTA, M. M. M. Mulheres refugiadas e vulnerabilidade: a dimensão da violência de gênero em situações de refúgio e as estratégias do ACNUR no combate a essa violência. *Revista Signos*, Lajeado, RS, v. 37, n. 2, p. 216-34, 2016.

SEYFERTH, G. *Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda no campo político*. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26., 2008, Porto Seguro. *Anais [...]*. Porto Seguro: ABA, 2008.

SILVA, A. S.; SOUZA, L. L. Trabalho, lazer e relações de gênero na ótica de mulheres imigrantes. *Revista Electrónica de Psicología Política*, San Luis, v. 13, n. 35, p. 72-109, 2015.

SIMAI, S.; BAENINGER, R. Discurso, negação e preconceito: bolivianos em São Paulo. In: BAENINGER, R. (Org.). *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População (Nepo)- Unicamp, 2012. p. 195-210.

SOARES, W. *Para além da concepção metafórica de redes sociais: fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional*. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., 2002, Ouro Preto. *Anais [...]*. Ouro Preto: ABEP, 2002. p. 1-27.

VAINER, C. B. *Deslocamentos compulsórios, restrições à livre circulação: elementos*

para um reconhecimento teórico da violência como fator migratório. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS*, 11., 2016, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: ABEP, 2016. p. 819-35.

VILELA, E. M.; COLLARES, A. C. M.; NORONHA, C. L. A. Migrações e trabalho no Brasil. Fatores étnico-nacionais e raciais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 19-43, 2015.

ZAMORA, M. H. R. N. Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 24, n. 3, p. 563-78, 2012.